

DEPOSITO LA...

61

CRÓNICA

Masculina



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 9 — 2-II-1957

Director e Editor: RUI COSTA
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGÊNCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados

DE HOMEM PARA HOMEM

O FRIO E OS MIRONES

UM professor jubilado de Direito, que toda a Lisboa conhece, dizia-nos um destes dias, em frente da «Sá da Costa», que o tempo não estava para os mirones. «O tempo atmosférico, este tempo temporão de rigores que nos obriga a abafar em roda de uma escalfeta» — acrescentou logo para desfazer qualquer dúvida.

O velho lente de Direito aludia ao direito que a gente desocupada, a gente de costa direita, tem de correr a via sacra pelas sete colinas da cidade, matando o tempo que lhe sobeja, logo que satisfeitas, a horas convenientes, as suas necessidades primárias: dormir e comer — ou comer e dormir.

O frio intenso que tem feito inibir os mirones alfinhas do exercício matinal ou vespertal de iludir os relógios até às horas das refeições.

O Sol, este sol formosíssimo que faz de Lisboa uma cidade dourada, não consegue aquecer estas manhãs de gelos da tardinha que humedecem o asfalto das calçadas.

É pena! Nesta sazão, para o lisboeta habituado a aparecer na rua com os alvores do dia e com o louvável propósito de não gastar um centavo, a sempre interessante actualidade de ver como se abre uma vala (para os cabos telefónicos, para os cabos eléctricos ou para os cabos dos trabalhos), como se empedra um passeio ou como se apronta uma casa, o ter de ficar detido por causa do frio, representa o via crucis vivido nas acañhadas quatro paredes de um quarto.

Andar por aí a ver tudo era o seu paraíso terrestre. Se havia um incêndio, se se produzia o choque de automóvel particular com um taxi em serviço, o mirone, além do espectáculo para os olhos, encontrava sempre ensejo para uma troca muito cordial de impressões com outro mirone.

E depois: eram as montras dos estabelecimentos comerciais. Às vezes depois de muito inspecionar o escaparate, sempre se decidia a entrar muito pausadamente, e lá interrogar o marcano sobre o preço de um fogão eléctrico, de um album para fotografias tiradas há vinte anos ou de um pincel para a barba, de polo de arminho.

E dadas as seis, quando a burocracia se evadia das repartições, que regalo enfileirar na bicha dos eléctricos ou dos autocarros da carris! Podia não o mover o desejo veemente de tomar assento. Não tinha com certeza esse propósito (o mirone vai a pé para toda a parte) mas na bicha sempre encontrava um parceiro com quem cavaquear sobre a ciência transcendental da bola, sobre as obras do Metropolitano ou sobre o preço do besugo no mercado da Ribeira.

Era uma distracção alegre e económica. Mas com este frio... Santo Deus, com este frio, não pode senão bater o pé e o papo — em casa...





Um ZOO abaixo de zero!

QUANDO a neve cobre as cidades e os pardais se acercam das janelas, confiando na bondade dos homens e numas migalhas de pão, que acontece aos animais dos jardins zoológicos?

Poderíamos imaginá-los resguardados em jaulas aquecidas, esperando tristemente o fim do inverno. No Zoo de Basileia, onde foram tiradas estas fotografias, não acontece assim: os camelos, os elefantes, os cabritos monteses, os rinocerontes adaptam-se ao gelo e à neve, como as focas ou os ursos brancos, habituados ao frio polar.

1—Como o pelo se torna mais abundante, o camelo da Ásia nada perde da sua dignidade.

2—Os cabritos monteses não parecem sofrer com a neve. E, contudo, este clima em nada é semelhante ao da Córsega ou Sardenha, de onde vieram.

3—Os rinocerontes não esquecem a sua meia hora de exercício diário, sobre a neve. Esta foto foi realizada com seis graus negativos.

4—A neve e o frio nada têm de excepcional para as focas. Protegidas por espessa camada de gordura, nadam e repousam... como se estivessem no polo!



PREFERIAM não partir

Com lágrimas nos olhos, a jovem ginasta Alice Kertész, da equipa olímpica húngara, saúda, na estação de Milão, os companheiros, que voltam à pátria, contrangidos e obrigados a tal pelo temor da sorte das pessoas de família.

Alice ficou em Itália com o campeão de pentatlo Antal Morbrich, e o campeão dos 3.000 metros, Sandor Roznyoi.

Também o nadador Anton Bolvary preferia escolher a liberdade, mas um telefonema de Budapeste informou-o de que a mãe, gravemente doente, queria vê-lo antes que a morte a levasse. O amor filial venceu.



A FILHA DO MARAJÁ casou-se com um empregado

A princesa Usha, filha do marajá de Indore, casou-se com Satis Malhotra, empregado num escritório comercial da cidade de Bombaim. O marajá declarou que concordava com a decisão da filha, embora os cortesãos ficassem escandalizados pelo facto de a princesa ter unido o seu destino a um homem que pertence a uma casta diferente. Na fotografia, da esquerda para a direita: o marajá de Indore, a princesa Usha, Satis Malhotra e a mulher do marajá, uma senhora americana.

Lá andam os hindus à procura da democracia...



«E DEUS CRIOU A MULHER.»

A associação Roger Vadim-Brigitte Bardot, unidos legalmente para o pior e para o melhor, como se diz, não durou muito tempo. Logo que findou a rodagem de «E Deus criou a mulher», anunciaram o divórcio. Neste filme, cujos exteriores foram rodados no verão passado em Saint-Tropez, Roger, de acordo com as exigências do argumento, deixou que a esposa casasse com Jean-Louis Trintignant. Sensual e provocante, Brigitte interpreta no filme de Vadim um mambo que os censores consideraram, com razão, muito pouco decente. A heroína por ela vivida fez tábua rasa das responsabilidades do matrimónio. Uma bofetada magistral, aplicada por Jean-Louis, obrigou Brigitte a regressar ao bom caminho.



A centésima viagem de um TRANSATLÂNTICO

Esta fotografia foi tirada a bordo do transatlântico «Estados Unidos», durante uma recente travessia, que era a centésima efectuada em pouco mais de quatro anos por aquele navio americano. A passageira aqui apresentada é a actriz Gloria Grahame, que viajava da Inglaterra para a América; com ela estão os seus dois filhos, David (oito anos) e Marianna Paola (dois meses), nascida em Paris. Gloria Grahame é conhecida sobretudo por ter interpretado alguns filmes dramáticos e policiais. Vimos recentemente um deles, em Lisboa, que alcançou assinalado êxito: «Médico e só Médico».

O RAPTO INVENTADO

UMA jovem mãe de 24 anos, Eride Tarroni, inventou o rapto de um filho de quatro meses, lançado a confusão numa aldeia italiana, Boschetto di Lagosanto. De tempos a tempos, os homens vão até ao café, sobretudo para apreciarem os espectáculos de televisão. Um fim de tarde, Arturo Tarroni, de 28 anos, estava sentado tranquilamente a uma das mesas, quando um homem irrompeu pelo café, gritando: — «Arturo, raptaram o teu filho!»



Num ápice todos os habitantes se armaram de forquilhas e varapaus, e partiram para os campos, à procura do odioso bandido. Encontraram o pequeno Maurizio, deitado num leito de folhagem, a uma centena de metros da casa dos pais, num local fácil de encontrar.

Os carabineiros iniciaram o inquérito e descobriram que tinham desaparecido dez mil liras de casa dos Tarronis. Mas porque teria o ladrão levado da carteira do velho Tarroni somente dez mil liras, quando ela continha cinquenta mil? Este facto extremamente curioso fez com que se suspeitasse da jovem mulher de Arturo, que contara ter sido assaltada pelos raptadores do seu filho.

Finalmente, Eride Tarroni confessou ter visto o avô guardar o dinheiro na carteira e pensou que, para ela, dez mil liras seriam um autêntico tesouro. Poderia, assim, oferecer um lindo presente ao filhinho...

Mas, como devia agir, de modo que não descobrissem o roubo?

Inventou a história do rapto, esperando que, graças à confusão levantada, o roubo passasse despercebido ou, pelo menos, a segundo plano. Levava o filho para perto de casa, para um local onde seria inevitavelmente descoberto, e contara a sua história.

Eride Tarroni vai comparecer perante os juizes, por causa do rapto do próprio filho. Nenhum castigo será para ela mais penoso do que o que terá de suportar na aldeia onde todos lhe lançam em rosto as horas de angústia provocadas pelo abominável expediente.

Jamais poderá esquecer que, para encobrir um delito, praticou outro, maior ainda. Deixou de merecer a confiança dos amigos, que sofreram mais do que ela, por terem acreditado no que dizia. Só o tempo conseguirá atenuar um pouco o seu gesto inconsiderado.

MUITO

CONHECIDO,

SIM... MAS DE
QUEM SE TRATA ?

Foi educado com grande esmero. Cedo escolheu a vida religiosa. Mais tarde exerceu a jurisprudência, mas acabou por ser médico. Redigiu em latim uma investigação especial sobre a «Diferença entre a febre inflamatória e a febre pútrida». Depois mudou novamente de profissão. Tão pouco, desta vez adquiriu fortuna: pelo contrário, o peso das dividas contraias produziu-lhe um desespero lindante com ideias de suicídio. Para agravamento deste estado de espírito sofreu dolorosas experiências sentimentais com a filha de um livreiro de Manheim. Escreveu uma emocionante novela (que não concluiu). Trabalhava catorze horas por dia e finalmente foi professor extraordinário de Filosofia e História. A mãe era uma Kodweis, mas a nobreza nunca lhe permitiu viver com desafogo. O seu colarinho chegou a ser artigo de moda.

Amigo de um homem célebre, o leitor deve saber de quem se trata, mas se não souber, veja a solução que se publica na página 30.



FIQUE-SE COM ESTA!

Os investigadores americanos descobriram que um beijo médio (a expressão pertence-lhes) custa três minutos de vida a quem o recebe, cujo coração nesse momento lateja num ritmo muito superior ao normal.

★

Na China, os livros começam a ler-se pelo fim. O mesmo fazem, entre nós, os impacientes.

★

A juventude é um defeito de que nos corrigimos um pouco, todos os dias.

★

Uma firma americana de máquinas eléctricas de barbear, oferece uma importância equivalente a três mil e seiscentos escudos a quem possuir barbas pelo menos de três meses com a condição do seu proprietário se deixar barbear no curso de uma missão publicitária televisada.

★

O Parlamento de Copenhague resolveu que todo o cidadão dinamarquês, qualquer que seja a sua fortuna, chegado o momento, perceba subsídio de velhice. Pobres e milionários recebem pois uma pensão anual de uns 2.400 escudos, se são solteiros, e de uns 3.000 se estão casados.

★

O que anda sempre a olhar para o chão, não costuma ver o que está em cima.

★

O Principado do Mónaco resolveu oferecer importantes reduções nos hotéis, conceder gratuito acesso nos museus e jardins e pelo menos uma entrada no casino a todos os recém-casados que visitem a terra de Raniero e Grace.

★

Convém escolher os amigos e também os inimigos.

★

O gerente de um cabarete de Las Vegas (E. U. A.) mandou publicar nos principais rotativos americanos o seguinte anúncio:

«Cabaret de Las Vegas precisa de jovens licenciados em filosofia e que saibam dançar para um conjunto de «ballet».

★

Segundo as últimas estatísticas elaboradas na Alemanha Ocidental, quinze por cento dos alemães e vinte e um por cento das alemãs são obesos. Estes cidadãos gastaram mais de quatro milhões de francos em curas de adelgaçamento durante o ano de 1955.

QUANDO ELE TOCA os deuses sorriem!

M. Cogh, célebre professor de música de Singapura, encontrou um pequeno génio, no bairro dos cangalheiros, onde só vivem os mais pobres entre os pobres.

Sentado na soleira de uma porta, um menino tocava num violino tosco. Já tinham garantido a M. Cogh que, quando Lee tocava, os deuses sorriam. E o menino tocava árias populares, árias de jazz e mesmo de ópera.

O pai de Lee explicou que um fabricante de caixões, seu vizinho, improvisara aquele violino e oferecera-o ao pequeno. Desde aí, Lee passou a repetir as músicas que ouvia no instrumento de ocasião.

M. Cogh arranjou emprego para o pai de Lee, e um alojamento decente. Tomou conta do menino, e orientou-o musicalmente. E hoje, o pequeno Lee impressiona o meio musical de Singapura, que é unânime em viticinar-lhe um belo futuro de artista. Os deuses que o escutam continuam a sorrir-lhe...



O Rei da Tailândia E O CLARINETE

Benny Goodman, o célebre director norte-americano de «jazz», que actua com a sua orquestra no pavilhão dos Estados Unidos na Feira Internacional que se celebra actualmente em Bangkok foi convidado a dar um concerto no palácio do Rei Bhumibol.

A audição privada, que durou mais de uma hora, assistiu também a Rainha Sirikit que apreciou muito a ruidosa música de «jazz» e a maneira como a interpreta o popular Goodman.

Mas o mais singular da sessão foi que, depois da troca de presentes entre o soberano e os músicos, o Rei Bhumibol pegou no clarinete de Benny e acompanhou uma das peças.

No final da execução o famoso director de orquestra afirmou que o Rei tailandês não ia mal de todo.

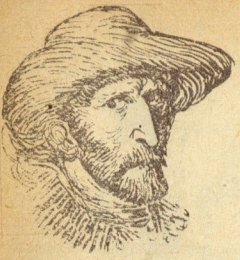
PROCURA-SE A TUMBA de Alexandre Magno

Os arqueólogos egípcios procuram activa e febrilmente em Alexandria a tumba do rei Alexandre Magno que, como se sabe, morreu de malária.

O lugar que é actualmente objecto das mais laboriosas e sistemáticas investigações é a colina de Kom el Dik, onde conforme se crê, o grande conquistador foi sepultado.

Afirma-se que o motivo da laboriosa busca se baseia na lenda segundo a qual o páis possuidor do corpo de Alexandre Magno jamais desaparecerá e será sempre forte e poderoso.

Mas a razão verdadeira é, ao que parece, que o encontro da tão procurada tumba podia ser utilizado pela propaganda do páis para demonstrar ao mundo que os arqueólogos egípcios que foram capazes de prosseguir sem ajuda dos estrangeiros os trabalhos empreendidos para essa descoberta.



HOMENS SINGULARES

A VIDA ROMÂNTICA

uma carta a qual pouco depois entregou a um rapazinho, que desapareceu com a mensagem. A seguir, foi-se embora. Mas a sua fuga havia de ser momentânea. O desconhecimento de cabeleira rubra estava fadado a permanecer ali durante dois anos, e a tornar-se uma das figuras mais características de Montmartre de fim do século. Chamava-se Vincent Willem Van Gogh e contava trinta anos, embora parecesse ter menos.

Ao chegar a Montmartre aquele homem estranho talvez intentasse libertar-se da enfermidade que se ia incubando nele; talvez se dispusesse a encetar uma vida serena. Mas é difícil a gente libertar-se de um inferno quando esse inferno se instala no nosso cérebro; o mais que se consegue é ter uns dias de paz.

Para compreender qual era o abismo de dor e desespero donde havia saído, teremos de recuar ao princípio da sua vida e percorrer com ele a etapa dramática do seu peregrinar pela terra, começando no dia em que ele nasceu.

A PROFECIA DA AVÓ

Foi a avó paterna a primeira pessoa a intuir que Vicente era uma criatura «assinalada». Ao mesmo tempo que no modesto presbitério de Groot Zundert, uma aldeia holandesa quase na raia da Bélgica, o pastor Theodorus festejava o nascimento do seu primogénito, a avó chamou de parte o filho e disse-lhe: «Tenho medo deste menino. Não te lembras? Estamos a trinta de Março e faz exactamente um ano que ocorreu a desgraça. Receio que Vicente tenha nascido com duas almas diferentes: a sua e a do outro».

«Que dizes, mamã? — protestou Theodorus —. Nem sequer a brincar devias fazer caso de uma superstição monstruosa».

A mulher baixou a cabeça. Mas não podia deixar de recordar. Um ano antes tinham-se reunido naquele mesmo presbitério para velar um morto ou melhor uma criança que na realidade não havia nascido, pois os seus olhos jamais viram a luz do dia.

Era pura coincidência o facto de Vicente ter nascido no mesmo dia, a um ano de distância? A mulher pensava e estava cada vez mais convencida de que não se tratava de mera casualidade. De qualquer modo teria tempo de ver se as suas apreensões tinham fundamento ou não. Talvez tivesse feito mal em falar ao filho, e o pior seria que este contasse à esposa, pois Ana Cornélia era muito boa rapariga, mas trazia sempre os nervosos à flor da pele.

«TU NÃO AS PODES COMPREENDER»

Vicente mostrou-se uma criança solitária, lunática, tão depressa terna e doce como rebelde. Tinha perices

DE VAN GOGH

repentinas, violentas e injustificadas. Um dia, depois de reconvenção afectuosa da mãe, disse com doçura: «Mãezinha, tenho na cabeça tantas coisas, que tu não podes compreendê-las».

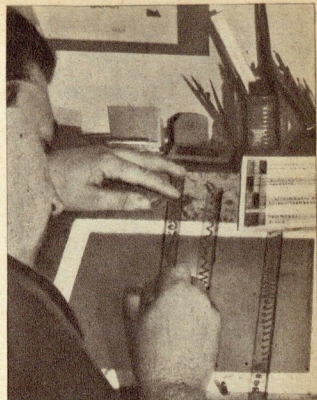
Ninguém o compreendia e ninguém suportava o seu convívio. O seu irmão Theo, nascido em 1 de Maio de 1857, era às vezes admitido na sua companhia, mas suas brincadeiras, ou acompanhava-o nos longos passeios através do campo. Acontecia com frequência que Vicente deambulava durante largos períodos pela relva, pronunciando discursos dos quais o irmãozinho não compreendia uma só palavra. Mas Vicente não reparava nisso; embofa só tivesse um interlocutor, o seu feito não fora talhado para o diálogo. Depois, quanto se cansava da companhia, agarrava no mano por um braço e ordenava-lhe: «Anda, vai-te embora, já não te quero ver». E Theo, acostumado a satisfazer-lhe todos os caprichos, obedecia uma vez mais.

Theodorus não era rico e não podia permitir-se o luxo de mandar à escola um mandrião que dos estudos não seria capaz de extrair algum proveito. Por isso, quanto Vicente cumpriu dezasseis anos, conseguiu colocá-lo por mediação de um tio na sucursal de Bruxelas da galeria de arte parisiense Couplé. Mas bem depressa Vicente se revelou péssimo empregado: em vez de procurar vender, discutia com os clientes e chegava a ofendê-los, acusando-os de preferirem porcarias a boas obras de arte.

Por se tratar de um «recomendado» em vez de o despedirem, transferiram-no para a sucursal de Londres. Vicente desembarcou nas margens do Tamisa com a cabeça cheia de personagens de Dickens. O trabalho não o aborrecia demasiado, pois havia outro empregado para atender os clientes. Mal abandonava a galeria, corria aos bairros populares para os quais o atraía a extrema e pitoresca miséria das gentes. Não ficava fascinado, pois observava detidamente todo aquele horror.

Depois, passou a preocupar-se apenas com uma rapariga que vivia sob o seu influxo, Ursula Loyer, a filha da mulher que lhe alugara um quarto. Logrou convencê-la a dar um passeio pelas margens do Tamisa.

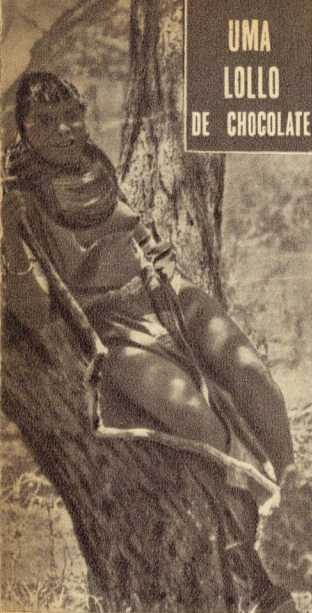
(Continua no próximo número)



NO BRASIL já se faz

SURREALISMO CINEMATOGRAFICO

Fazer desenhos expressivos sobre a película é um trabalho metucioso, que requer talento, paciência e dedicação. O canadense Norman McLaren tornou-se famoso em todo o mundo pelos fabulosos efeitos que consegue extrair desses desenhos em movimento. É um cinema experimental que não dá margem para explorações comerciais. Esse difícil género exercem-no os cineastas amadores. Num modesto estúdio de São Paulo, um jovem brasileiro preparou um filme desse género. Trata-se de Roberto Miller, autor de «Sinfonia Moderna», filme experimental brasileiro que representou o Brasil num recente Concurso Mundial de Cinema de Amadores, na Suíça. Pela fotografia anexa podemos adivinhar do bom-gosto revelado, e a atenção que tal trabalho requer.



UMA
LOLLO
DE CHOCOLATE

AQUI ESTÁ O MAIS BELO ATLETA EUROPEU!



É a altura de olharmos para o espelho (Peito p'ra fora! Barriga p'ra dentro), respirarmos fundo, fazer flexões de pernas (Um... dois! Um... dois!), contraírmos os biceps... e verificarmos que estamos em baixo de forma! Esta pode ser a desculpa para as flacidez e a adiposidade que vai tomando conta do nosso tronco **apolíneo**. Enfim! É a idade, uma vida sedentária, uma ginástica limitada a umas corridinhas para o eléctrico e à subida de umas escadas (Maldito elevador! Sempre avariado...!)! Em compensação, aqui está o mais belo atleta europeu! Pelo menos é assim que lhe chama a agência que nos vendeu esta fotografia.

Pois os parisienses levaram a cabo, no mês passado, um concurso para a eleição do mais perfeito espécime animal-homem. E o senhor James Mathé, muito bem lubrificado e depilado, foi o vencedor. Uma jovem espectadora não resistiu a admirar, **in loco**, a musculatura do atleta.

A única consolação que nos resta é serem estes Adónis pouco mais do que cavalos bem tratados (é claro, senhor James, que não é de si que falamos!), desenvolvendo mais os músculos do que a cabeça, ou as células cinzentas, como diria o sr. Poirot, o célebre detective predilecto da escritora Agatha Christie.

E, quando as belezas musculares se vão abaixo, para pouco mais servem do que para cavar batatas...



O PEQUENO DEMÓNIO DOS HOTEIS

QUANDO o aquecimento de um grande hotel cessa, subitamente, de funcionar, de tal modo que os hóspedes se sentem frios, a responsável é... Eloise! * Quando o telefone toca, e o **maitre d'hotel** recebe uma ordem como esta:

—Um bago de uva, com sete colheres e uma chávena de mel gelado!

...já se sabe que a responsável é... Eloise!

* Quando aparece um cágado na cama do hóspede de honra de um hotel de luxo, é escusado pensar muito: a responsável é... Eloise!

* Quando o elevador se detem entre dois andares...

* ...quando, sai água gelada da torneira que indica «quente»...

* ...quando aparece um tejo dentro de um Perú preparado para a senhora Vanderbilt...

* Quando «Das Kapital» é descoberto na mesinha de cabeceira do senador MacCarthy...

...quem é a responsável?

Eloise, evidentemente!

Personagem lendária saída de um livro de sucesso, a pequena Eloise faz diabruras sem conta nos grandes hotéis americanos.

Kay Thompson é a autora do livro, e Evelyn Rudie vai interpretar, no cinema, como o tem na televisão, a personagem curiosa de Eloise.

Numa das imagens, vemos **Eloise**, divertindo-se com Conrad Hilton, magnate da indústria hoteleira, que ficou encantado com a pequena.



UM INSTRUMENTO PARA SEGUIR A TRAJECTÓRIA DO SATÉLITE ARTIFICIAL

A NUNCIA-SE em Washington que está a ser construído um instrumento destinado a seguir a trajectória do primeiro satélite artificial, que será lançado por motivo da comemoração do Ano Geofísico Internacional em que participam activamente os Estados Unidos.

Esse instrumento poderá controlar o caminho percorrido pelo satélite artificial por meio de ondas emitidas pelo mesmo satélite.

Um funcionário encarregado da construção do

aparelho, que tem forma ovalada, manifestou que o satélite emitirá ondas de rádio as quais poderão ser captadas no hemisfério ocidental. As estações poderão receber mensagens e traçar a trajectória do veículo sideral num mapa electrónico.

Grças a estes dados, os homens de ciência conseguirão saber em qualquer momento onde se encontra o satélite artificial.



O BÊBÊ, A RAINHA E O SORRISO...

Aqui vemos uma madrinha de excepção, na pia baptismal da igreja de S. Paulo, em Londres. A rainha Isabel de Inglaterra quis segurar nos braços o recém-nascido filho de Lord e Lady de Porchester (à esquerda e à direita na foto).

Não é a primeira vez que a soberana aceita testemunhar o baptismo de um representante da aristocracia britânica, mas é certamente a única senhora que consentiu deixar-se fotografar num sorridente e sereno grupo de família, logo após o rito baptismal.

MUSICA MAGNÉTICA

Um jovem polaco, Francizek Jakubiec acaba de inventar um instrumento musical magnético que, segundo se afirma, pode produzir os tons de qualquer instrumento.

A notícia foi difundida pela agência noticiosa polaca P. A. P.

Diz-se que os tons são produzidos por um sistema de electromagnetos. O instrumento tem teclado de mão e de pé, com botões para conseguir os tons dos outros instrumentos vai ser construído em larga escala por uma fábrica francesa.

EMAGREÇA, SE QUISER...

Para aqueles que alguma vez tenham tido necessidade de fazer dieta, acaba de ser descoberto um novo sistema por um grupo de cientistas alemães.

Segundo se diz não é preciso comer menos ou seguir um regime complicado. Tudo se resolve com gelatina de algas.

A preparação de gelatina é simples. Deita-se de infusão o extrato de algas no copo de água e bebe-se: Esta mistura, dizem os cientistas, forma uma espécie de gelatina no estômago que o conserva ocupado durante algumas horas na sua digestão. Entretanto o apetite de comida desaparecerá.

O MUNDO põe os olhos e o coração na HÚNGRIA

1 — «MONTE DE CARIDADE» — Assim se chama a montanha de roupas usadas, reunidas no armazém central da Cruz Vermelha Alemã, instalado numa antiga fábrica de munições em Lugoslstadt. Todos os dias, afluem novas dávidas, à medida que os combóios de socorro partem em direcção à fronteira da Hungria. Em Hamburgo e Colónia existem também organizações semelhantes. Da Suécia,



cia, América, e até da Polónia acorrem combóios de Socorro. Em Budapeste, turistas suíços colaboram na distribuição de 50.000 refeições diárias a crianças. A Cruz Vermelha Internacional prepara diariamente 250.000 refeições para os habitantes de Budapeste.



2 — O pequeno Ernő esperava o comboio; Rendido ao cansaço, adormeceu sobre a mala na gare da estação, mas jamais se dissociou da bandeira da sua pátria. É um dos muitos milhares que fogem ao terror, e encontram abrigo no Ocidente. O pequeno Ernő seguirá para Bremen, com os pais e amigos, e daí para o Canadá que lhe ofereceu acolherdor asilo.

A IMAGINAÇÃO - III

SE FOR PRECISO ABANDONE SEM CERIMÓNIA O NOSSO PLANETA!...

Se a invenção é, em geral, obra de um não-especialista, o interesse não representa senão a paga dum esforço. Para encontrar um dia uma boa ideia, é preciso exercitar continuamente a imaginação. O ilustre Darwin nunca hesitava em praticar o que ele próprio chamava «experiência de cretino». Desejoso de estudar as forças que presidem ao crescimento dos vegetais, plantou uma trepadeira diante da casa e durante 2 meses, todas as manhãs, sem se inquietar com as personalidades que o visitavam, tocava no seu clarim uma ária diante da trepadeira para verificar se a música tinha qualquer influência sobre o seu crescimento.

Muitos dos nossos contemporâneos, divididos entre a rotina do trabalho e as facilidades do conforto do lar, nunca se servem da imaginação. Pelo contrário, as suas mulheres absorvidas pelos problemas caseiros adquirem uma destreza de espírito que nos deixam estupefactos.

A General Electric conserva nos seus arquivos a carta cheia de erros de ortografia duma dona de casa que perguntava à Companhia porque não fabricava fornos eléctricos com lâmpada-piloto que anunciasse a passagem da corrente. Por esta simples sugestão a General Electric entregou à sua autora 10.000 dolares!

O meio mais simples de desenvolver uma imaginação embotada é sair do local em que habitualmente vivemos. É folheado colecções históricas que os decoradores e os grandes costureiros modelam as suas melhores ideias. No campo também podemos encontrar imaginação. Wasinghouse teve a ideia dos freios de ar comprimido ao contemplar os jeysers do Parque Nacional de Yellowstone. Thomas Cook inventou as viagens organizadas na Suíça quando viu guias agruparem turistas. O engenheiro alemão Diesel visitava todas as exposições. Foi assim que notou numa galeria de arte da Polinésia uma espécie de fuzil rudimentar onde se inflamava um pedaço de estopa comprimido ar entre dois bocados de madeira. O celebríssimo motor Diesel nasceu desta observação.

E se todas estas receitas nos não chegam, abandonai sem cerimónia as paisagens do nosso planeta. É o mérito do

professor John Arnold, do Instituto Tecnológico de Massachussets, a maior escola científica do Estados Unidos.

Na referida escola estudam-se os costumes dum planeta imaginário — Arcturus IV — habitado por Metanos, raça de «homens-pássaros» que nascem de ovos. Logo no início do curso, Arnold constituiu uma verdadeira enciclopédia sobre Arcturus: é muito denso; o seu ano corresponde a 49 anos terrestres e o dia tem 159 horas. A atmosfera é à base do metano e os habitantes bebem amoníaco em vez de água, a qual está sempre gelada naquele planeta. Os «homens-pássaros» pesam aproximadamente 90 quilos, possuem ossos ossos cheios de hidrogénio e de hélio, braços de tamanho desmedido, um bico comprido e três olhos colocados no meio da fronte.

Aos magnates da indústria americana, o professor Arnold propõe o problema seguinte: «Entrai em contacto com os Metanos e tentai vender-lhes automóveis, T. S. F., canhões, tudo o que fabricais. Como deveis modificar os vossos modelos para interessar esta nova clientela? O trabalho prosseguiu até nos mais ínfimos pormenores, cumprindo as ordens comerciais. Também os alunos de Arnold foram coagidos a considerar a sua profissão e os seus problemas sob um novo prisma. Libertados dos cuidados dum fracasso financeiro, encontram, por isso, a audácia de emitir ideias novas. E, às vezes, quão úteis são para a vida terrena! Um sabão para tapetes, à base da espuma detergente, agora vendido por uma grande firma de tapeçarias, foi levado para Arcturus. Por causa dos Metanos, a General Electric comprou há pouco as patentes de invenção dum novo processo de fabricar lâmpadas eléctricas. Os discípulos de Arnold conquistaram tal notoriedade em aprofundar todos os assuntos inéditos que o seu curso tende a transformar-se num escritório de consultas e sugestões ao serviço de milhares de firmas.

Fazei como eles. O «clarão do génio» não é senão o interesse pago pelo capital-imaginação quando o não deixamos dormir.

O CANAL de SUEZ DESDE HÁ 4.000 ANOS

O PRINCIPIO.
1500 A. C.

A Rainha Hatshepsut manda construir o canal por ordem do deus Amon. As suas intenções eram, porém, de ordem económica e política.

CONTINUAÇÃO ADIADA
600 A. C.

O faraó Necho II interrompe a reconstrução do canal; por conselho do deus. Outro motivo foi notar que não seriam apenas os navios egípcios a utilizar a famosa «estrada».

SEMELHANÇA
COM A ACTUALIDADE
500 A. C.

O rei persa Dario ordena a reconstrução do Canal. Pretende dominar a Europa, a Ásia e a África, para o que acha vantajosa esta via de comunicação.

INTERLÚDIO PACÍFICO
800 DA NOSSA ERA

Os novos dominadores do Egipto, os árabes, reconstruem o canal para o transporte de cereais.

A ARTE DE FALAR
DIPLOMATICAMENTE
1859-1869

Os europeus constroem o Canal de Suez com intenções semelhantes às do imperador persa Dario. Apresentando como argumento a «economia mundiais».

A MAIS RECENTE CRISE
MUNDIAL
1956

Guerra no Canal de Suez. A intervenção das Nações Unidas impede a eclosão de um conflito mundial.



Em contraste com o sentido actual, norte-sul, o canal, nos seus primeiros tempos, corria para o sul com uma ligeira inflexão para leste. Aproveitava o mais largo dos sete braços do Delta do Nilo até Bubastis e prolongava-se até à recém-fundada cidade de Pithon. Passava pelo Lago Salgado e por alguns afluentes do Nilo, hoje extintos, terminando junto do actual Suez, no Mar Vermelho, em cuja margem oriental, como revela o nosso mapa, ficavam as antigas minas do Sinai onde os egípcios, cerca de 200 anos antes da primeira construção da famosa via, descobriram o cobre, quando até então só conheciam a madeira e as pedras como materiais a empregar no fabrico de ferramentas.

Assinaladas as primeiras épocas históricas do canal, cuja primeira edificação se perde numa distância de milénios, resta dizer que o caminho marítimo para a Índia que Cristóvão Colombo demandara já estava encontrado.

No tempo de Cleópatra, o canal encheu-se outra vez de areia. Quando os árabes invadiram o Egipto, no século VIII da nossa era, Amr, general do Califa Omar deu outra vez condições de navegabilidade ao estreito que utilizou para o transporte de cereais. Mas, volvidos cem anos, o canal voltou a ser um mar de areia que navio algum lograva sulcar.

Foi o filósofo alemão Leibniz que, no século XVIII, chamou de novo a atenção do mundo para a necessidade de uma via de comunicação aquática que ligasse o Mediterrâneo ao Mar Vermelho. Também Napoleão, quando das suas campanhas no Egipto, acalentou a mesma ideia. Os seus engenheiros chegaram, porém, à conclusão de que o nível do Mediterrâneo era dez metros mais baixo que o do Mar Vermelho, o que impedia a sua confluência. O imperador não conhecia o passado. Um erro dos «especialistas» que o acompanhavam fez protelar a construção do Canal. Só em 1859 o Oriente e o Ocidente foram de novo ligados, segundo o projecto do francês Ferdinand de Lesseps.



DO VALE DOS REIS MORTOS VIERAM OS TRABALHADORES — Cem anos mais tarde o deserto não atemorizou o rei persa Dario. Os seus exércitos assolaram as terras do Nilo. Dario dominava então o império faraónico. Rápidamente reconheceu a importância do canal assoreado pelas areias do deserto. Fê-lo reconstruir, para que — segundo uma ordem sua notada em escrita cuneiforme — «os navios naveguem para a Pérsia». Para a construção mandou deportar milhares de pedreiros do «Vale dos Reis» para o Norte. No vale dos faraós mortos já não havia que fazer.

Nesta foto (actual) um escavador sorri da múmia que tem nos braços, como sorriam outrora os conquistadores estrangeiros ante as fabulosas riquezas que envolviam os sarcófagos. O ouro adivinha um significado: financiava o comércio e a guerra. O ouro já não servia para os ritos religiosos; ouro significava força!



A primeira notícia dum canal a ligar o Mar Vermelho ao Mediterrâneo consta de umas inscrições hieroglíficas e desenhos de navios do nono ano de reinado da rainha Hatshepsut, (1495 anos antes da nossa era) depois da inauguração solene do Canal.

A primeira viagem através da famosa via foi ao mesmo tempo uma cerimónia inaugural e uma preparação para a guerra. A rainha não participou nela. Mas a sua imagem ia a bordo do navio chefe e com ela a do Deus Amon, o qual por meio do oráculo tinha recomendado a construção do canal. A imagem significava uma crença «mágica».

A primeira utilização do canal traduziu-se «guerra-relâmpago» contra as costas árabicas, e que por terra jamais seria possível. Mas também o regente e cunhado da rainha, o faraó Tutmosis III, utilizou o canal com um fim estratégico. Fez desencadear um ataque pela retaguarda aos seus inimigos hereditários, os sírios, ataque que partiu desta nova via aquática e serviu para apoiar as forças terrestres.

(Vide mapa na página anterior)

A HISTÓRIA DO EGITO FOI ESCRITA EM PEDRA — Os hieróglifos caíram no esquecimento. Apenas há cerca de cem anos, sábios especializados decifram os estranhos sinais. Os escribas do rei Necho II poderiam talvez explicar aqueles símbolos traçados 900 anos antes, apesar de os sinais escritos e os sons já se haverem fundido com o tempo. Apesar das dúvidas dos seus conselheiros, Necho pretendia mandar limpar o canal. Mas o oráculo do deus Amon disse: «Não!» O faraó mandou suspender a empresa. Foi a salvação do Egipto. Os exércitos do rei babilónio Nebucadnezar, que tinham destruído o império assírio, detiveram a sua marcha na fronteira oriental do império faraónico. O deserto constituía uma defesa natural.

7 HISTÓRIAS DE

PINTORES

Pintava com tanto senso do dramático, que as suas naturezas-mortas pareciam agonizantes.

★

O outro meteu-se em política e enriqueceu. Sempre fora um pintor muito vendido.

★

Num atelier:

O NOVO RICO — Que cores! Que composição! Adoro arte moderna!

O PINTOR — Perdão, cavalheiro, mas isso é a minha paleta.

★

O CLIENTE — Eu queria que o senhor fizesse o meu retrato.

O PINTOR — Como o deseja, 3 x 4, 6 x 9 ou 18 x 24?

(Era um pintor fotográfico).

São três tipos de pintores: os que pintam o que vêem, os que pintam o que pensam que vêem, e os que pensam que pintam.

★

Pintor pobre para outro:

— A miséria é tão negra, que depois de fazer uma natureza-morta, eu como o modelo.

— Você é que é feliz. Eu só pinto abstrato.

★

— Este quadro pertence a um antigo mestre. Cem mil não o comprariam!

— E eu sou um desses cem mil...

A NOSSA CAPA

A formosíssima estrela ianque, Bárbara Bates que sorria hoje aos nossos leitores tal como sorri, materializada em luz e sombra no filme «Casa de Segredos» exhibe aqui o segredo do seu bom gosto seja na indumentária que a oculta ou que a revela, seja no motivo de decoração que escolheu para a «sua casa», um candelabro riquíssimo que empresta ainda mais luz a um sorriso de aleluia que acena à vida e à juventude, ao feminismo e à louçania.

Bárbara Bates que os diligentes investigadores de talentos artísticos e plásticos descobriram para sortilégio das imagens começou há pouco a viver o seu sonho de arte e de beleza.



A CORRIDA DAS RENAS

1 — Todos os anos, nos últimos dias de Dezembro, realiza-se, na pequena cidade de Rovaniemi (Finlândia), uma corrida que, pelas suas características, pode ser considerada única no mundo. Trata-se de uma corrida de esquiadores puxados por renas. Desenrola-se num percurso de dois quilómetros, num solo de neve previamente batida; a temperatura é de cerca de 20 graus abaixo de zero. Nela tomam parte esquiadores muito treinados, capazes de acompanhar o andamento imposto pelas renas, que são muito rápidas. Aqui vemos uma fase da corrida; à direita, alguns espectadores incitam os concorrentes. A corrida das renas leva todos os anos a Rovaniemi muitos finlandeses, alguns até provenientes de localidades afastadas.

2 — Esta é a rena «Topsy», ao lado de uma sua admiradora. «Topsy», desde que foi instituída esta corrida (e já lá vão uns seis anos), nunca foi vencida; é campeã absoluta. Este ano, percorreu o caminho estabelecido, à média de 35 quilómetros e 200 metros por hora. A rena, que pertence à espécie dos veados, é vulgar nas terras do extremo norte, e facilmente se deixa domesticar. É animal inteligente, bom caminhador, de sentidos sempre alerta e de hábitos extremamente sóbrios. Presta grandes serviços ao homem.





A reparação de COPPI!

Aqui temos o campioníssimo com o pequeno Angelo Fausto, seu filho. Coppi, nestes meses de descanso (voltará a correr em Fevereiro próximo), dedica-se principalmente à caça. Propôs recentemente a um organizador uma corrida de «seis dias em pista», a efectuar no palácio de desportos de Milão, mas sem êxito favorável. Na próxima época, Coppi tenciona participar, sempre com as cores da equipa que tem o seu nome, nas principais competições realizadas em pista e em estrada, tanto em Itália como nos outros países europeus.

Entretanto, leva uma vida quase totalmente dedicada ao filho. Fausto Coppi preparou pessoalmente para Angelo um presépio e uma grande árvore de Natal. Em Milão, Génova e Turim, comprou dezenas de brinquedos... com os quais também se divertiu. Angelo Fausto tem 18 meses de idade, é muito parecido com o campeão, mas não quer seguir a carreira do progenitor.



CANTIFLAS EM Hong-Kong!

Passepartout, a curiosa criação de Júlio Verne, para atravessar Hong-Kong teve de servir-se de um inusitado meio de transporte: uma avestruz.

Esta é uma das passagens mais hilariantes de um filme que já é célebre: «A Volta ao Mundo em Oitenta Dias». Durante a longa viagem, Philéas Fogg e Passepartout usam vinte e três meios de locomoção.

O filme custou cerca de 170 mil contos.

A «Volta ao Mundo em 80 dias» está anunciado para a próxima época, e é de crer que constitua um espectáculo esplêndido, atendendo às vastas possibilidades do tema e da importância despendida.

SOLUÇÃO VELHA PARA UM PROBLEMA NOVO

NOS países mais directamente afectados pela crise do Suez houve necessidade de impôr certas restrições ao consumo do petróleo e em especial dos seus derivados. A carência do combustível primário para locomoção automóvel — a gasolina — deu origem a soluções curiosas como a que se documenta nesta foto: Um conhecido industrial britânico, o Mr. Eric Donovan, de Stechford optou pelo recurso de uma recursão ao transporte animal. Foi ao estábulo onde se guardam os semoventes do seu património, escolheu o melhor «veículo» e perante o gáudio dos empregados entrou na fábrica a cavalo.

O mais curioso é que não descurou o pormenor da sinalização luminosa: adaptou aos estribos as circunferências encarnadas que reflectem a luz, colocadas na retaguarda dos automóveis.

E bem humorado explicou que o facto de haver trocado o seu espada de sete «cavalos» por uma só unidade não era motivo para desprezar as disposições legais em vigor sobre a sinalização de trânsito. O rectângulo da direita pode ver-se a adaptação realizada por Mr. Eric, homem prático, fleumático, como todos os ingleses e sobretudo «conservador» como eles — das leis e dos «costumes»...

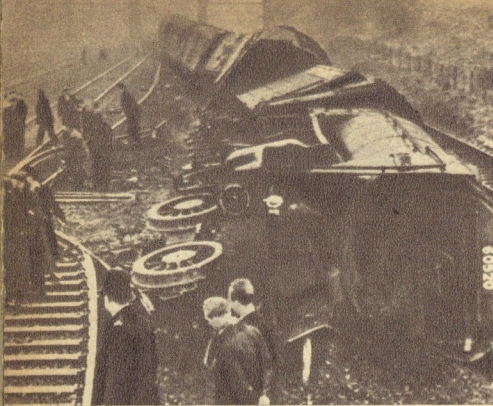


*

Outra «vítima» das restrições foi a artista inglesa Priscille Birr que sob a orientação de um artista experimentado ensaiava um número de faquirismo. Miss Priscille esperava poder exhibir-se dentro de seis meses num teatro de variedades, mas necessitava de trinta litros de gasolina para se aprimorar nas suas habilidades.

Aconteceu que o seu caso especial não estava previsto nas disposições sobre racionamento de combustíveis e a artista viu a sua carreira truncada.





DESASTRE Espectacular

Um pavoroso acidente, do qual resultou uma vítima e trinta feridos, registou-se em Inglaterra, perto de Londres.

O expresso da Escócia, que seguia em grande velocidade, *encaixou-se* na cauda de um «omnibus» sub-urbano, e «cuspiu-o» a 500 metros de distância.

A locomotiva do comboio que investiu tombou depois para um dos lados da via, com as três primeiras carruagens.

Na mesma localidade, tinham-se já verificado outros desastres; o mais grave verificara-se em 1935, quando um expresso chocou com um «misto», causando a morte de quatorze pessoas.

É PARA OS INOCENTES DA HÚNGRIA

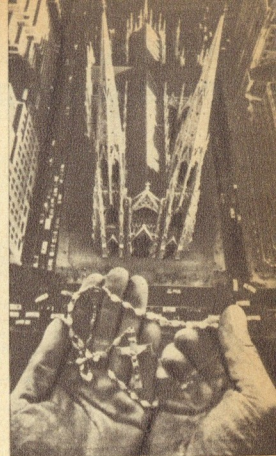
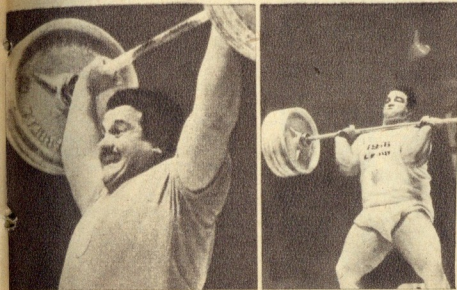
O movimento de solidariedade universal para com os húngaros e especialmente a favor das crianças magiars encontraram em todos os corações sensíveis a devoção e o amparo que suscitam as inocentes vítimas do imperialismo e da barbárie comunista.

Esse movimento de solidariedade traduziu-se em todas as espécies de auxílio, prestado oficialmente pelos governos dos povos livres, por organizações cristãs de caridade e por entidades particulares. Os artistas de alguns países cuja sensibilidade foi intensamente percutida, procuraram por todos os meios angariar fundos destinados a socorrer, os pequenos húngaros. E esta linda rapariga, estrela quase anónima da dramaturgia britânica, encontrou um modo muito sugestivo de materializar o seu sentimento de amparo aos que sofrem. Deu vida à lenda do tesouro de Aladino, vestiu-se à oriental e vendeu pelo melhor preço num teatro de Cardiff as pertences da fabulosa fortuna do príncipe legendário.



Rescaldo dos JOGOS OLÍMPICOS

«Duelo» entre os melhores levantadores de pesos, o argentino Humberto Silvetti e o americano Paul Anderson. Na foto da esquerda, o gaúcho eleva o peso de 180 kgs., nos três movimentos, um total de 500 kgs., mais 7 kgs. e meio que Anderson. Considera-se já vencedor. No meio do maior silêncio, o americano inicia as suas tentativas. A primeira falha; tem três minutos para outro ensaio; à segunda consegue elevar o peso até aos ombros; falha de novo; ganhará desta vez o argentino a medalha de ouro? Anderson tem mais 3 minutos para a 3.ª e última tentativa, que afinal se verificou vitoriosa. Da esquerda para a direita, três fases da tentativa que o colocou em vencedor; por ser mais leve que o argentino, o americano conseguiu a vitória. Na última foto: Anderson no pedestal.



UMA IMAGEM DE NOVA TORQUE?

Sim! Trata-se, de facto de uma perspectiva pouco conhecida da cidade mais colorida do mundo, quando, à noite, os seus milhares de anúncios luminosos riscam os ares. Para eles ergue-se também, encastada no meio da selva de arranha-céus, a catedral católica de S. Patrício que, nesta fotografia, nos surge como uma pequena e maravilhosa construção de armar. Esta bellissima imagem foi conseguida por intermédio de um aparelho moderníssimo, cuja objectiva consegue captar um campo de 105 graus. Repare-se também no recorte nítido do Rosário, que umas mãos seguram a 60 centímetros da câmara e nas linhas das torres, a 100 metros de distância.

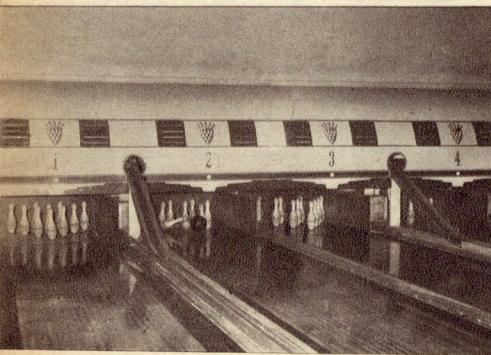
A catedral de S. Patrício deve-se à fé dos imigrantes irlandeses, cujo catolicismo é profundo e constitui hoje legítimo orgulho de todos os americanos.

EM PORTUGAL JÁ SE JOGA O «BAWLING»

UM edifício moderno na Lisboa nova, um porteiro agalado a ouro, umas letras coruscantes de neon por cima do umbral — é ali o recinto onde se joga o «bawling» — o desporto da moda, aristocrático ou gentio que chegou a Portugal, foi visto e venceu.

Mas que é o **bawling** dos americanos, que os brasileiros denominam **boliche**, e os espanhóis chamam **bolos**? Uma diversão que se inspirou na laranjinha dos nossos avós de há quatro ou cinco décadas — ou própria laranjinha sem tirar nem pôr, mas secularizada pelos ademanos galantes de uma sociedade frívola, exibicionista que para matar o tempo, desfila, gesticula e abre a bolsa: a laranjinha tal qual, mas vogada assim — com requintes de elegância, em trajes de último figurino em vez de jaqueta de serrubeco e as botifarras brancas com se via outrora em feras provincianas.

O «bawling», que é coisa chic, não dispensa, porém, a ginástica requerida pelo seu antepassado: o praticante, como a gravura nos mostra, mune-se de uma esfera, segura-a com a direita ou com a esquerda (que na hipótese a lei não se ofende, e ele pode ser ambidextro), depois balanceia o tronco num movimento semelhante ao do atleta que se apresta para lançar o peso, e impulsiona a bola, que corre ao longo de uma pista envernizada e vai derrubar sem cerimónia nenhuma umas quantas garrafas de madeira (com M minúsculo) contidas numa figura geométrica. Se a demolição é completa, o jogador considera-se **façanhoso** e a sua proeza é fragorosamente sublinhada com aplausos e bis pelos circunstantes que lhe dão este nome pomposo: «**strocker**». Mas se o estrago total se não consuma, então o lançador deixa de ser **façanhoso**



Sentadas em mapas confortáveis à roda da pista, as senhoras, quando não jogam, fazem a contabilidade dos cavalheiros o que não deixa de constituir útil e proveitoso exercício para a vida doméstica.

E pronto, caros leitores, isto é o «bawling» no tal recinto luxuoso onde nós fomos (só ver, claro) ou ali numa casinhota do Parque Mayer que não tem cadeiras de estofa, mas onde as esferas são mais leves, a assistência é mais modesta e o exercício custa menos esforços e — menos escudos.

VIVER PARA VER

DENTRO DE 500 ANOS HAVERÁ PALMEIRAS NO EXTREMO NORTE

Nada ou muito pouco, sabemos, por enquanto, acerca das causas que determinam o clima. Até agora a ciência só conseguiu registar os efeitos. No decurso das suas investigações, meteorólogos, oceanógrafos, geofísicos e astrofísicos têm verificado fenômenos surpreendentes. O globo terrestre sofre nos nossos dias profundas transformações. Coincidem as notícias de que a terra vai caldeando-se progressivamente. Ora bem, as consequências deste fenómeno poderão ser incalculáveis, não só no que respeita às condições do ambiente, como também nos aspectos demográfico, económico, alimentar e político, etc., até ao ponto de revolucionar os destinos do mundo.

Não é fácil determinar se a transformação climática obedece a causas extra-terrestres, à atmosfera ou ao próprio planeta. O que sabemos com certeza de experiência é que se está verificando uma grande mutação no clima. Os fenómenos até agora registados são tão surpreendentes, que nas regiões polares, no Alasca, no Canadá, na Rússia, na Suíça e em África se organizam expedições científicas destinadas a estudar a evolução deste processo.

O célebre cientista sueco, professor Staus Aklmann, foi um dos primeiros a descobrir que se estavam a produzir sensíveis modificações nas condições climatológicas do mundo. A repeti-

ção sistemática do fenómeno parece que tende a acelerar-se.

O professor Herald Swerdrup, do Instituto Polar de Oslo, observou que em determinados pontos da Groenlândia, onde o termómetro jamais havia assinalado temperaturas superiores a um grau acima de zero, o calor alcança hoje nove e dez graus positivos. Na região da Rainha Maud, situada a zero graus de longitude no oceano Antártico, o capitão norueguês John Glaever comprovou uma diminuição sensível, progressiva da massa glacial.

Em 1928-39, uma expedição alemã conseguiu sobreviver as zonas da Rainha Maud As câmaras fotográficas revelaram a existência de regiões privadas de gelo e neves. Estudos posteriores demonstraram que a retirada das massas geladas é de origem recente. Nos Andes do Peru, a massa de gelos sofre notável redução. No Alasca, as investigações dos geógrafos estabeleceram que todos os glaciares diminuem constantemente. No maciço do Mont Blanc, os glaciares do Four diminuem todos os anos quatro metros. La Mer cedeu 500 metros e os do Scheidegg, grande e pequeno, 300 metros.

Na Escandinávia a regressão de alguns glaciares atinge os 400 metros. Em Spitzberg a espessura e a extensão dos campos de gelo, diminuiu ao ponto de tornar provável a extracção

de hulha durante sete meses em cada ano, em vez de três, como até aqui. Na U. R. S. S. foi possível aviguar por meio de fotografias aéreas que a superfície dos gelos perdeu em vinte anos, de 1922 a 1942, um milhão de quilómetros quadrados.

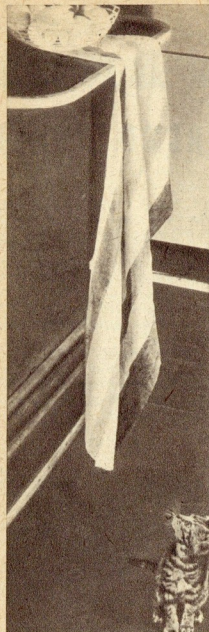
No Canadá, Alasca e Sibéria, na Lapónia e na Nova Zelândia, terras antes sepultadas nos gelos são agora cultiváveis.



Na Groenlândia começaram a lavar-se terras outrora cobertas por gelos perpétuos. Também na Islândia, na Suíça e na Finlândia é possível cultivar cereais em terras que, há dez ou quinze anos não podiam utilizar-se.

Dizem os sábios que dentro de cinco séculos haverá palmeiras no extremo norte.

Viver para ver!



"O fareco" E OS OVOS

O assunto vale apenas, pela imagem. Nesta é que se resume todo o interesse que ele oferece e toda a habilidade (consumada) do fotógrafo que disparou a máquina sem perder pitada.

O resto é literatura banal que o leitor dispensava, pois já sabia que os gatinhos de garras como certos gatinhos... de vinte unhas, que nós conhecemos e o leitor também, são bichos muito curiosos.

«Que estará dentro do cesto? — interrogou-se o felino. — Ora deixa lá ir ver.

De um salto ágil atirou-se ao pano para espreitar de perto aquelas bolas brancas. Um segundo depois o cesto dos ovos caiu-lhe em cima. E pronto. Acabou-se a história — e partiram-se os ovos...



**AFINAL, PODEMOS
FUMAR À VONTADE!**

O professor Rodolfo Margaria, do Instituto de Fisiologia de Milão, sustenta que, não obstante as indicações estatísticas, não está provada «uma relação de causa e efeito» entre o vício do fumo e o aparecimento de cancro pulmonar; o tabaco faz mal, por causa da nicotina, mas os fumadores não devem deixar-se influenciar por tantos gritos de alarme e perdição que lhes gritam aos ouvidos.

As cobaia, como as que vemos nas mãos desta simpática empregada de um laboratório, são os animais que mais se usam em experiências científicas. Para estudar a influência do fumo sobre o aparecimento do cancro pulmonar, foram mantidas cobaia em câmaras em que se ia introduzindo fumo de tabaco. As experiências conduziram a resultados negativos.

Perigo de radioactividade

Esta imagem e estas linhas são o complemento de um problema abordado nas páginas desta mesma revista.

Como defender-nos da radioactividade das nossas casas?

Não foi encontrada ainda uma solução satisfatória. Os materiais de construção em uso apresentam vantagens e desvantagens.

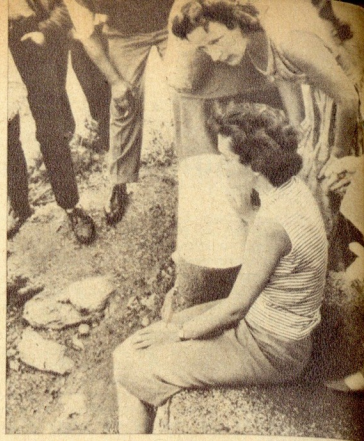
As estruturas metálicas, que constituem um escudo contra as irradiações, tem o senão, de prepararem um campo eléctrico, que tão nocivos é ao nosso físico.

As mesmas reservas podem ser aplicadas, embora com algumas atenuantes, ao cimento armado. As construções em pedra oferecem melhores condições.

O ideal continua a ser ainda a madeira que, por motivos económicos e construtivos, não é empregada já nos grandes aglomerados urbanos, mas somente nas casas de montanha.



—Eu logo vi
que a se-
nhora tinha
alguma coisa
a manifestar.



Foi apenas o susto!

Numa das mais belas estradas de Itália, ao longo do Mediterrâneo, um pequeno automóvel passa em grande velocidade.

Ao volante, uma jovem de Milão abandona-se a sonhos cor-de-rosa, embalados pela brisa suave e salgada, e pelo sol doirado do belo fim de tarde.

De súbito, um choque fantástico, tremendo, e o pequeno automóvel, depois de ter dado seis voltas sobre ele próprio, precipita-se no mar!

Um mergulho sonoro, seguido de um silêncio de morte.

E eis que aparece, entre os rochedos, Marina, a bela condutora, que, branca como a morte, conseguiu regressar à estrada.

Branca como a morte, sim — mas sem uma beliscadura!

A ÁGUA É MACIA!

Na Flórida, os ases do esqui-aquático, demonstram que se pode voar sem asas desde que se possua alguma coragem e se precise de dinheiro, pois eles exibem-se por mercê tal como os artistas de circo ou os ases do *shoot*. A multidão que se aglomera em Cypress Gardens aplaude-os com entusiasmo e incita-os a maiores audácias (será possível?) Sim, é possível que na próxima vez atinjam a Lua, como bons lunáticos que parecem ser. Mas, afinal, a água é macia.



O MARINHEIRO RENITENTE

Com indiferença inconsciente Mario Bellich passela sobre uma travé de aço da ponte de Brooklyn, em New York, a noventa metros da corrente de água.

Ameaçou atirar-se ao rio Hudson, se não fosse revogada a ordem das autoridades americanas que o obrigava a reparar-se.

Um sacerdote e dois agentes conseguiram dissuadi-lo do louco propósito, depois de quase meia hora de persuasiva conversa.

Bellich, marinheiro triestino de vinte e três anos de idade, emigrara clandestinamente para os Estados Unidos havia três anos.

Não nos diz a notícia se conseguiu ou não os seus intentos. Mas é de crer que não. De outro modo, não seria impossível que todos os emigrados clandestinos pretendessem resolver a situação do mesmo modo, passeando pelo travejamento das pontes norte-americanas, o que não deixava destar violento de mais para as autoridades.



ASSIM, SIM!

Esta é a moda preconizada pelos ditadores da dita para as banhistas no verão do ano que entrou: um fato de uma só peça, mas um fato elegante, prático e consentâneo com os bons costumes.

Dizia De Laterna que a moda não muda senão por mudar, mas neste caso (atente-se no modelo) a moda mudou e não foi sem razão.



DRAMAS de loucura

1 — A pequenina Cathy Lou que vemos aqui ao colo de sua irmã Betty, fora raptada por um bandido louco, fugido de um manicômio. A polícia conseguiu encontrá-la sem a menor beliscadura: o bandido tratou-a com a maior delicadeza.



2 — Este é Merlin McNaughton, preso na véspera de Natal, depois de ter raptado a pequena Cathy Lou. O malfetor, para consumir o rapto, feriu os pais de Cathy. Era um fugitivo do manicômio do Estado, onde estava detido havia anos, por causa de três homicídios que cometera.

A CAMINHO do êxito!



O livro que Jeanne Cooper folheia é composto dos muitos recortes que a imprensa lhe tem dedicado e mostra à evidência o triunfo de uma artista.

Jeanne é estrela de primeira grandeza do afamado programa de TV da Ford, na seção de Teatro, e atraiu já os olhos dos produtores e empresários da Broadway e de Hollywood. Todos são unânimes em reconhecer que as qualidades artísticas de Jeanne lhe abrirão as portas do êxito.

Mais uma vez se prova que a TV pode servir os interesses do cinema em vários aspectos, como o de revelar novos valores. A publicidade feita em redor de Jeanne Cooper como artista de televisão vai ser-lhe útil no Teatro ou no Cinema, facilitando deste modo a sua ascensão em tais sectores.



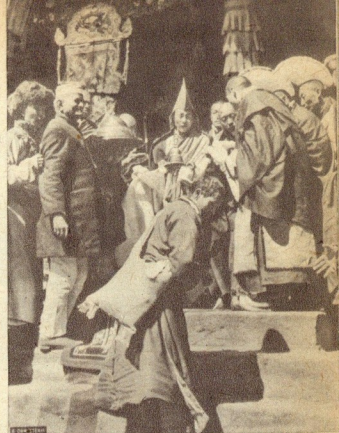
Joan Crawford e as filhas TRAVAM UMA BATALHA

Por detrás das lentes escuras dos seus óculos, Joan Crawford passou despercebida numa estância de férias da Suíça, onde esteve com o marido, Alfred Steel, presidente da Companhia Pepsi-Cola.

Joan Crawford passeou pela neve, e divertiu-se com o marido e as duas filhas gémeas (Cathy e Cynthia), de 9 anos de idade. Dois cãesinhos anões, «Chiffon» e «Masterpiece» também se mostraram superiores ao frio, acompanhando a dona.

Ao contacto vivificante do ar frio da altitude, desencadearam-se os humores belicosos da simpática família, do que resultaram grandes batalhas... de bolas de neve!

Mas, depois da luta, Cathy e Cynthia reconciliaram-se com a mãe; enquanto o senhor e a senhora Steel repousaram, as gémeas resolveram para patinar e fazer ski.



O XXV CENTENÁRIO DO BUDA

Chu En-Lai, primeiro ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da China, deslocou-se expressamente à Índia para assistir às festividades comemorativas do 2.500.º aniversário da morte de Buda, que pregava a doutrina da não-violência. As estradas e templos estavam enfeitados de flores. Mas Chu En-Lai e a sua comitiva, para quem a não-violência é uma coisa um pouco estranha, e que pretendem impedir qualquer espécie de religião, não se abstiveram de participar nas solenidades, como se nunca se tivessem afastado dos caminhos de Buda.

Que teria levado Chu a tomar tal atitude? A sua decisão foi tão inesperada que os próprios especialistas americanos em assuntos da China se sentem intrigados. Ainda seis dias antes Chu En-Lai proibira o Dalai Lama, chefe espiritual do Tibet, de participar nestas festividades. Depois, não só levantou a interdição como, também se incorporou nas cerimónias.

SOLUÇÃO DA PAGINA 5: O poeta Friedrich von Schiller.

A MORTE ESPREITA

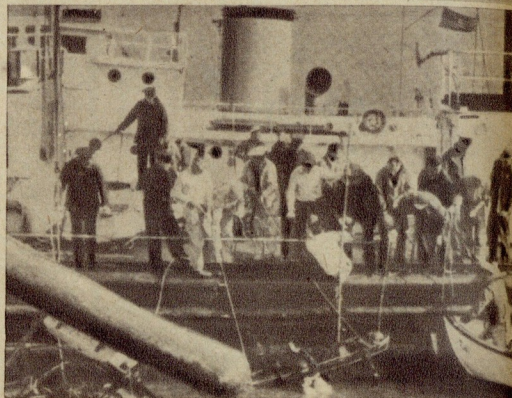
para além
da gargalhada!

Com uma inconsciência retrospectivamente trágica, o senhor Roy N. Buell, riu com gosto para o fotógrafo Gordon Peters, julgando que a objectiva da máquina fotográfica o focava a ele.

Não sabia ainda (imagem de cima) que, por detrás dele, no mesmo instante, o piloto Robert Walker, de 27 anos, se esmagava com o seu helicóptero num local do porto de S. Francisco.

Uma hora mais tarde, com efeito, não era mais do que um cadáver ao ser retirado dos destroços (imagem de baixo).

A vida tem destas coisas, em que a tragédia se acoberta tantas vezes por detrás de uma gargalhada inocente!



*Neste
número*



PREÇO 1\$50

N. 9

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

THE ENTIRE PROCEEDS
OF THIS APPEAL IS

IN AID OF THE
CHILDREN
OF
HUNGARY

CANTINFLAS passeia
por HONG-KONG



O Tesouro de ALADINO
ajuda os HUNGAROS

Em PORTUGAL
já se joga o BOWLING

